



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; PETEROSSO, Helena Gemignani. Anotações sobre metodologia e prática de ensino na escola de 1º grau. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996 (1985).

v.10. Coleção "Educação". 135 p.

Observação, Diálogo e Reflexão Crítica: Bases da Formação de Alunos e Professores

As autoras consideram esse trabalho um "texto em movimento", que surgiu das anotações de aulas no curso de licenciatura, através da disciplina "Metodologia e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de 1º Grau", que tem a intenção de desencadear reflexões, ao mesmo tempo em que indica pontos falhos e possibilidades para que sejam superados. O esquema de trabalho contém as fases de observação/reflexão e fundamentação/ação. Sua temática é o professor, a criança e o saber, desenvolvida em quatro partes. Inicialmente abordam os números e as operações no contexto da Matemática, considerada pela sociedade como disciplina "nobre" do currículo. As dificuldades encontradas no seu processo de ensino e aprendizagem são inúmeras, constituem um problema educacional. Pela sua importância, revela-se como parâmetro de avaliação, determinante na vida escolar dos alunos, pois influencia seus projetos de vida. Chamam a atenção para fatos que passaram a ser desconsiderados com a tecnificação do ensino e operacionalização da aprendizagem. Iniciam com a distinção entre ciência e matéria de ensino, relacionada ao professor de matemática e perguntam se a sua preocupação é a de ensinar o aluno a "utilizar" ou a "fazer" ciência? Também questionam suas orientações para o trabalho baseado em exercícios que envolvem operações mentais ainda não presentes nos alunos, que pouco ou nada conseguem proporcionar-lhes. Revelam que há uma pretensa atividade da escola em relação ao desenvolvimento de esquemas lógicos de pensamento. Identificam como possibilidade para esse fim o trabalho com conteúdos de ensino integrados ao mundo em que criança vive, para que ela estabeleça relações de grandeza, quantidade, preços, na busca por efetuar e refazer cálculos. Abordam a adoção precipitada, a simplificação mercenária de propostas sérias em termos de ensino da matemática, transformadas em simples aquisição de materiais que se tornam meros objetos de manipulação dos alunos e servem somente para a apresentação da modernidade da matemática na escola. Sugerem uma avaliação das propostas que a matemática enquanto ciência apresenta, em relação às necessidades da escola de 1º grau: entre o que é possível explorar em termos de conteúdos matemáticos e o que a criança tem condições de aprender; o que a escola pode oferecer e o que a sociedade cobra em termos de necessidades sociais básicas. Acreditam que esses são os quatro pontos que podem servir de parâmetros para reflexões. Não pretendem dar respostas prontas face às condições de ensino e aprendizagem presentes no conjunto das escolas. Entendem que só será possível a unidade do ensino se esta for buscada em objetivos comuns e não em procedimentos e conteúdos standardizados. Trabalham ainda aspectos pedagógicos no ensino: a noção de número, o papel do "concreto", do material pedagógico e da linguagem no ensino dessa disciplina, bem como as operações matemáticas com as diversas situações possíveis de serem empregadas. Identificam quatro tipos de dificuldades de aprendizagem: as decorrentes da maturidade insuficiente de alguns alunos, por apresentarem um amadurecimento fora do tempo médio imposto pela escola; a escolaridade insuficiente, decorrente dos movimentos da família do aluno para a fixação da moradia, o que dificulta a progressiva aprendizagem da matemática;

a compreensão deficiente, devida ao processo de construção das noções matemáticas que, por serem lógicas e exatas, para as crianças são extremamente complexas e que exigem, para a sua compreensão, o acionar de uma série de fatores psicológicos (atividades motoras, atitude afetiva, percepção, linguagem, atividade lógica e intelectual, memória, motivação); por fim os bloqueios afetivos merecem destaque. Eles têm sido priorizados como uma das grandes causas do fracasso escolar para a aprendizagem de modo geral. Dada à sua característica de ser inconsciente, sua identificação é difícil, e exige tempo, dedicação, apoio da família e até auxílio de um especialista educacional. De forma geral, as dificuldades requerem uma atitude de observação e acompanhamento do professor para a descoberta das faltas e a necessária intervenção pedagógica. Ao abordar o método para a relação de ensino e aprendizagem da matemática, reconhecem o caminho diverso entre o método indutivo e o dedutivo, insistem que não existe um método ideal. Compete ao professor, dentro das características pessoais, da sua classe e do seu meio, escolher o melhor caminho (método), para melhores resultados e acrescentam que, em algum momento do processo, os dois se completam. Ressaltam o papel importante que tem o professor em relação ao processo de aprendizagem dos alunos, entretanto, o reconhecimento das próprias limitações de aprendizagem frente à totalidade dos conhecimentos com os quais se depara, implica que se desapegue da atitude de tudo saber e se aproxime da atitude de humildade frente aos conhecimentos, o que lhe possibilitará desvelar questões que o desafiam, em face às necessidades apresentadas. Pressupõem a contínua aprendizagem do ensinar, que envolve o conteúdo das disciplinas (domínio das noções matemáticas), o nível do desenvolvimento psicológico do aluno (etapas do desenvolvimento), as necessidades do processo de ensino (programas, metodologia, situações ambientais de aprendizagem) e as condições do professor para observar, compreender e interpretar, experimentar soluções, criar situações novas que permitam um domínio gradativo e constante do pensamento matemático. Testemunham que o entrosamento entre os professores das oito séries, professores licenciados com domínio do conteúdo e nem sempre das situações pedagógicas e os "normalistas", com domínio destas e nem sempre daquele, é revelador de novos saberes e deve ser considerado. Na segunda parte do livro, sobre pessoas e relações, Comunicação e Expressão, buscam alternativas que reconduzam seu aspecto dinâmico, em contrapartida à sua fragmentação, fixada nos dispositivos legais e que traz como consequência, a dificuldade do aluno que nem sempre consegue comunicar-se e/ou expressar-se de forma conveniente. Dado que a expressão ou a comunicação ocorre através da linguagem, sistema simbólico ou analógico, elas apresentam formas de decodificação: linguagem articulada (escrita e oral), musical, plástica, corporal, matemática, dentre outras. Se a expressão/comunicação for unilateral, o universo da linguagem configura-se como estático, mas ao transformá-lo em dinâmico, através de outros códigos, extrapolaremos os limites, criaremos novas formas de comunicação. Na proposta interdisciplinar das autoras, comunicar e expressar passam a ser a unidade das diferentes áreas de ensino, voltadas à imaginação e à criação e à consequente solução para o problema da transferência de aprendizagem. Exploram aspectos pedagógicos de cada campo da Comunicação e Expressão: o da Educação Artística, Literatura, Educação Física e o da Língua e as consequências sofridas, advindas do processo histórico-educacional brasileiro, especialmente a partir da instalação do Estado Novo, com a efetivação de cursos isolados, que valorizavam o diploma, a profissionalização, em detrimento da formação de cidadãos com cultura humanística. Em seguida, focam o ensino em cada campo, expõem as observações e as reflexões feitas em sala de aula, à luz da fundamentação teórica e as ações que foram possibilitadas nesse processo de reconstrução do saber. Sobre o ensino da Educação Artística, fazem destaque aos cuidados sobre a iniciação musical e o desenho e tecem comentários sobre um trabalho acompanhado na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), realizado com os alunos da 7ª e 8ª séries, em que se observou a estreita sintonia entre a proposição de estudo de algumas disciplinas e a proposta da área. Em relação ao ensino da Língua Portuguesa, focam a importância da gramática enquanto "meio" de expressão correta e formal, não como "fim" em si mesma. Ampliam a abordagem da Literatura ao lançarem o olhar interdisciplinar a alguns aspectos, como a motivação para a leitura, as atividades desencadeadoras para a ampliação do vocabulário do aluno e as possibilidades do ensinar a redação na estimulação da criatividade, na organização das idéias para a harmonia do todo e na fluência do estilo. As dificuldades encontradas, expostas nos registros das observações feitas pelos estagiários, merecem destaque à parte, também agrupadas como maturidade insuficiente (trabalhar a palavra, seu aperfeiçoamento gradativo e constante, ou seja, a alfabetização correta), a escolaridade insuficiente (avaliação dos progressos dos alunos e orientação adequada com vistas à sua potencialidade, para minimizar as carências advindas do meio sócio-econômico-

cultural), compreensão deficiente (atentar para as alterações na somatória de fatores de ordem psicológica envolvidos na aprendizagem e valorizá-los na avaliação dos alunos) e os bloqueios afetivos (atentar para a influência que representam no processo de aprendizagem).

Em continuidade, propõem alternativas de trabalho em relação à metodologia de ensino. Salientam a criatividade e o preço como aspectos a serem considerados em relação à busca de materiais e ressaltam o papel do professor, sua formação geral e específica, em Pedagogia, para a realização do trabalho em que a Comunicação e a Expressão constituem a área que melhor propiciará o desencadear da interdisciplinaridade no ensino mas que exigirá do professor “uma atitude peculiar: um treino em observação, em explicar e ouvir, em exercer plenamente o diálogo e a crítica”. A terceira parte, denominada sobre lugares e fatos – Estudos Sociais, é iniciada por meio de comentários sobre a “integração” proposta a partir da Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, através da “matéria” Estudos Sociais que, além de História e Geografia, deveria contemplar a Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Identificam como consequência dessa mudança um empobrecimento nessa área do currículo escolar, devido à falta de bibliografia na área de Estudos Sociais que envolve outras esferas do saber, como a Antropologia, a Sociologia, a Política e a Economia, saberes que são necessários à integração e participação do indivíduo ao meio social, para seu ajustamento e para novas possibilidades de transformação. Outro problema citado é a metodologia do ensino adotada, que ao valorizar as sínteses miraculosas e a memorização do conteúdo, minimiza o papel da escola, de socializar o indivíduo na nossa sociedade, que tem a escola como o último reduto para o convívio social. Aprofundam a análise da escola e o seu papel social no contexto brasileiro. Consideram que a forma de apreensão de um conteúdo influenciará em sua capacidade e hábito de estudo e na reflexão sobre seu papel enquanto ser social. Significa ampliar a visão, compreender todos os aspectos que um conteúdo abarca, para garantir a aproximação da relativa verdade que ele contempla. Observaram que o professor trabalha com o livro-texto, adota-o como “bíblia”, limita-se a ele. Como outro contraponto, consideram a importância da descoberta de si e do outro, seu colega, a professora, seus pais e o mundo. O desafio educacional desta proposta diz respeito aos educadores descobrirem o valor próprio e pessoal do conhecimento do social para, sensibilizados, conduzirem seus alunos aos encontros com os seus próprios valores, na busca de fornecer-lhes as ferramentas adequadas para que possam caminhar sozinhos na descoberta de outras verdades. Em face dessas reflexões, trabalham os diversos campos do conhecimento. Sobre a História, como é uma ciência que se apóia em fatos e documentos, esse deve ser o ponto de partida do professor. O ensino deve transcorrer sobre os acontecimentos essenciais, para abordá-los de forma atraente, através de situações concretas, manifestações culturais, públicas, obras de arte, mas que não alterem a verdade que lhe é subjacente. Outro cuidado diz respeito às generalizações ou condensações, pois as explicações globais, por vezes, são ilusões. Em substituição, propõem a compreensão, apreciação mútua e o enriquecimento cultural, a “troca de informações”, seja no que se refere às civilizações primitivas, clássicas, modernas ou contemporâneas, aos valores do Oriente ou do Ocidente, às sociedades simples ou complexas. Ou seja, analisar os acontecimentos do passado, procurar estabelecer uma articulação com a situação do presente, através de uma abordagem socioantropológica, que estabeleça um parâmetro para as comparações que se fizerem necessárias. No campo da Geografia, os alunos devem desenvolver as habilidades de observação direta ou indireta, a capacidade de representar os fatos e o estabelecimento de relações entre eles e perceber sua importância, despertar a curiosidade e interesse, assimilar a nomenclatura e compreendê-la mais do que memorizá-la. Ressaltam a importância da pesquisa para a busca de novas explicações, tendo em vista a troca de pontos de vista. O campo da Educação Moral implica trabalhar com valores e ideais, estabelecer padrões de conduta e designar metas orientadoras do futuro para desenvolver a capacidade de pensar com espírito crítico. Na escola deve haver o exercício da disciplina, de forma que os alunos reconheçam a necessidade da regra para a vida em comum. Quanto ao civismo, em uma sociedade que induz ao egocentrismo como uma proteção à competição social, a escola deve trabalhar o indivíduo no sentido de torná-lo mais humano e feliz. Isso significa torná-los conscientes das responsabilidades de seu país, conhecer seus valores espirituais e culturais, seus recursos econômicos, suas relações com os outros países, o valor e o funcionamento das instituições políticas e sociais. Professor e alunos devem exercer uma crítica fecunda. As autoras trabalham essas questões em situações de ensino, também ressaltam as dificuldades na aprendizagem de Estudos Sociais referentes à maturidade insuficiente, escolaridade insuficiente, compreensão deficiente e bloqueios afetivos.

A quarta parte denominada sobre seres e fenômenos - Ciências, indica que um professor, para o conhecimento de ciências, necessita ter informações precisas sobre as características de desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos e a sensibilidade para aproveitar oportunidades que lhes permitam questionar, investigar e procurar respostas. O professor é o mediador entre os alunos e a natureza, por isso deve possuir segurança nos conteúdos a serem trabalhados e habilidades básicas. O aluno deve aprender a interrogar, explorar e interpretar o ambiente em que vive na escola de 1º Grau. O professor deve aproveitar esse interesse espontâneo do aluno e trazer para a sala de aula a postura de quem faz ciência, ou seja, não ter todas as respostas prontas, mas apresentar disponibilidade intelectual para a busca das alternativas, das respostas possíveis ou encaminhamentos de soluções. As autoras oferecem ao leitor roteiros para análise de livros, roteiros para observação de estágio, sugestões de atividades e de leituras, dispostos ao longo do livro, específicos à cada área de ensino. A intenção das autoras foi construir um texto didático desencadeador de reflexões, de fácil compreensão e com linguagem pouco formal. Seguiram em alguns momentos, o referencial de teorias básicas de aprendizagem como a cognitiva e a fenomenológica. Dispuseram-se para receber sugestões dos leitores, com a pretensão desse material ser o ponto de partida para uma reflexão crítica do processo de formação de professores. O diálogo é seu ponto comum. O diálogo na sala de aula entre professor e aluno e na escola, onde os professores de todas as séries possam refletir sobre temas específicos para a construção conjunta e a aceitação de diversos pontos de vista. Diálogo com os formandos, no seu momento de estágio, que complementa a sua formação inicial e faz com que adentre a sala de aula, como observador que reflete no seu fazer presente ou na preparação para o futuro, despertando o desejo pelo processo de ensino e aprendizagem que busca a formação de todos os seus alunos, que busca superar as limitações de diversas ordens, com uma atitude constante de formação contínua para o trabalho de ensinar.

Resenha produzida por Luiza Percevallís Pereira